

pois nos disse que os políticos construiriam os abrigos anti-aéreos, mas que os cristãos edificariam na Terra os abrigos anti-trevosos.

Às vêzes — concluiu o senhor do castelo, em tom significativo — é preciso sofrer para compreender as bênçãos divinas.

XIX

O SOPRO

Depois de interessantes considerações, relativamente à situação dos círculos carnais, Aniceto voltou a examinar nossas necessidades de serviço.

Muito amável, Alfredo ponderou:

— Em virtude da tormenta iminente, poderiam demorar conosco algumas horas, seguindo amanhã, ao alvorecer.

E, com profunda surpresa, ouvi-o afirmar:

— Poderão utilizar meu carro, até a zona em que se torne possível. Fornecerei condutor adestrado e ganharão muito tempo com a medida.

Não podia caber em meu espanto. Embora conhecendo as operações dos Samaritanos em 'Nossa Lar', que empregavam grandes veículos de tração animal, em trabalhos de salvamento nas regiões inferiores, e, considerando as dificuldades de vulto que defrontáramos na caminhada longa, rumo ao Pôsto de Socorro, não supunha possível semelhante condução naquele instituto de auxílio.

Soube, mais tarde, que os sistemas de transporte, nas zonas mais próximas da Crosta, são muito mais numerosos do que se poderia imaginar, em bases transcedentes do electromagnetismo.

Nosso orientador, que parecia meditar gravemente a situação, observou preocupado:

— Entretanto, temos serviços urgentes nos círculos carnais. Vicente e André precisam iniciar aprendizado ativo.

Alfredo sorriu, bondoso, asseverando:

— Quanto a isso, não necessitaremos de maiores cuidados. Há sempre quefazeres em têda parte. Onde houver espírito de cooperação da criatura, existe igualmente o serviço de Deus. Nossos amigos poderiam colaborar conosco, ainda hoje,

nas atividades de assistência. Acompanhar-nos-iam, por exemplo, nos trabalhos da prece, nos quais há sempre muita coisa a fazer e muita lição a aprender.

— Excelente sugestão! — exclamou nosso instrutor. — A oração individual, ou coletiva, é sempre vasto reservatório de ensinos edificantes.

— Aliás — falou Ismália, afetuosa — não devemos demorar. Estamos quase na hora.

Nesse momento, como se fôra chamado, de súbito, à lembrança de grave compromisso de trabalho, falou o administrador, dirigindo-se à companheira:

— É preciso prevenir Olívia e Madalena das providências que se fazem imperiosas para a noite. Necessitaremos a colaboração de mais alguns técnicos do sôpro. Temos alguns irmãos em estado grave, tomados de impressões físicas mais fortes.

— Técnicos do sôpro? — indaguei assombrado, antes que Ismália pudesse fazer qualquer observação referente aos serviços.

— Sim, meu amigo — respondeu Alfredo, atenciosamente — o sôpro curador, mesmo na Terra, é sublime privilégio do homem. No entanto, quando encarnados, demoramo-nos muitíssimo a tomar posse dos grandes tesouros que nos pertencem. Comumente, vivemos por lá, perdendo tempo com a fantasia, acreditando em futilidades ou alimentando desconfianças. Quem pudesse compreender, entre as formas terrestres, tôda a extensão dêste assunto, poderia criar no mundo os mais eficientes processos sóoproterápicos.

— Mas, semelhante patrimônio está à disposição de qualquer Espírito encarnado? — perguntou Vicente, compartilhando minha surpresa.

Nosso interlocutor pensou alguns instantes e respondeu, atencioso:

— Como o passe, que pode ser movimentado pelo maior número de pessoas, com benefícios apreciáveis, também o sôpro curativo poderia ser utili-

zado pela maioria das criaturas, com vantagens prodigiosas. Entretanto, precisamos acrescentar que, em qualquer tempo e situação, o esforço individual é imprescindível. Tôda realização nobre requer apoio sério. O bem divino, para manifestar-se em ação, exige a boa vontade humana. Nossos técnicos do assunto não se formaram de pronto. Exercitaram-se longamente, adquiriram experiências a preço alto. Em tudo há uma ciência de começar. São servidores respeitáveis pelas realizações que atingiram, ganham remunerações de vulto e gozam enorme acatamento, mas, para isso, precisam conservar a pureza da bôca e a santidade das intenções.

Compreendendo o interesse que suas palavras despertavam, continuou o administrador, depois de pequena pausa:

— Nos círculos carnais, para que o sôpro se afirme suficientemente, é imprescindível que o homem tenha o estômago sadio, a bôca habituada a falar o bem, com abstenção do mal, e a mente reta, interessada em auxiliar. Obedecendo a êsses requisitos, teremos o sôpro calmante e revigorador, estimulante e curativo. Através dêle, poder-se-á transmitir, também na Crosta, a saúde, o conforto e a vida.

E, como Vicente e eu não podíamos ocultar a perplexidade, Alfredo considerou:

— Isto não é novo. Jesus, além de tocar naqueles a quem curava, concedia-lhes, por vêzes, o sôpro divino. O sôpro da vida percorre a Criação inteira. Tôda página sagrada, comentando o princípio da existência, refere-se a isso. Nunca pensaram no vento, como sôpro criador da Natureza? Quanto a mim, desde o ingresso em Campo da Paz, quando fui ali recolhido em péssimas condições espirituais, tenho aprendido maravilhosas lições nesse particular. Tanto assim que, chefiando este Pôsto, tenho incentivado, com as possibilidades ao meu alcance, a formação de novos coope-

radores nesse sentido, oferecendo compensações aos que se decidam iniciar a tarefa de especialização, nem sempre fácil para todos.

A esse tempo, Ismália recebia algumas colaboradoras de importância, que se preparavam para a tarefa.

Impressionado com o que ouvira, acompanhei de perto as providências que se organizavam.

Encontrando-me, porém, mais a sós com Aniceto, transmiti-lhe minha enorme surpresa, respondendo-me êle em tom confidencial:

— Esquecem-se vocês de que a própria Bíblia, aludindo aos primórdios do homem, narra que o Criador assoprou na forma criada, comunicando-lhe o fôlego da vida. Referindo-nos aos nossos irmãos encarnados, faz-se preciso reconhecer, André, que, mesmo partindo de homens imperfeitos mas de boa vontade, todo sôpro com intenção de aliviar ou curar, tem relevante significação entre as criaturas, porque, todos nós somos herdeiros diretos do Divino Poder. Aliás, é necessário observar também que não estamos diante de uma exclusividade. Você, por certo, passou muito ligeiramente pelo nosso Ministério do Auxílio. Temos, ali, grande instituto especializado nesse sentido, onde nobres colegas se votam a essa modalidade de cooperação. No plano carnal, tôda bôca, santamente intencionada, pode prestar apreciáveis auxílios, notando-se, porém, que as bôcas generosas e puras poderão distribuir auxílios divinos, transmitindo fluidos vitais de saúde e reconfôrto.

Esperava que Aniceto prosseguisse, mostrando-me as qualidades magnéticas do sôpro, mas Alfredo acercara-se de nós, operoso e solícito, exclamando:

— Estamos no momento destinado aos trabalhos de assistência e oração.

— Segui-lo-emos com prazer — respondeu nosso instrutor, sorrindo.

Era necessário interromper a lição, atendendo a deveres diferentes.

XX

DEFESAS CONTRA O MAL

Descemos as escadarias e, em frente dos muros altos, pude observar a extensão das defesas do soberbo edifício. Aquela construção grandiosa era muito mais importante que a de qualquer castelo antigo, transformado em fortaleza.

Novamente no exterior, podia detalhar a visão panorâmica com mais exatidão. Reconhecia, agora, que entráramos por um baluarte avançado, identificando a imponênciâa da construção majestosa. Apresentavam-se-me as linhas gerais com nitidez.

Impressionavam-me, sobretudo, as fortificações. Via a tórra de menagem, consagrada, por certo, ao serviço de resistência; o baluarte agudo, elevando-se acima dos fossos que deixavam transbordar a água corrente; a tórra de vigia, esbelta e alterosa. Observei o caminho da ronda, a cisterna, as seteiras e, em seguida, as palicadas e barbacãs, refletindo na complexidade de todo aquêle aparelhamento defensivo. E as armas? Identificava-lhes a presença na maquinaria instalada ao longo dos muros, copiando os pequenos canhões conhecidos na Terra. Entretanto, vi com emoção, no cume da tórra de vigia, a enorme bandeira de paz, muito alva, tremulando ao vento como largo penacho de neve...

O administrador percebeu a estranheza que se apossara de Vicente e de mim.

— Já sei a impressão que a nossa defesa lhes causa — disse Alfredo detendo-se para explicar.

Fixando-nos com o olhar muito lúcido, continuou: